

“NAS SOMBRAS DA CRUZ”: A IGREJA CATÓLICA E O DESENVOLVIMENTO URBANO NO CEARÁ (1870-1920).¹

Agenor Soares e Silva Júnior.²

RESUMO

Pretendemos neste artigo analisar a formação e desenvolvimento das cidades no Ceará a partir da influência da Igreja católica. Destacamos duas cidades: Sobral e Juazeiro do Norte, tendo a frente o bispo Dom José Tupinambá da Frota e Padre Cícero, respectivamente, como os dois religiosos que estiveram à frente da gestão pública dessas cidades, deixando a marca da Igreja na morfologia urbana, estabelecendo símbolos religiosos nos espaços, procurando imprimir uma aura religiosa às cidades.

Palavras-chave: Desenvolvimento urbano; Igreja Católica.

ABSTRACT

We intended in that article to analyze the formation and development of the cities in Ceara starting two cities: Sobral and Juazeiro of the Catholic Church. We detached two cities: Sobral and Juazeiro of the North, tends the front bishop Dom José Tupinamba da Frota and Priest Cicero, respectively, as the two religious persons that were the front of the public administrations of those cities, leaving the mark of the church in the urban morphology, establishing religious symbols in the spaces, trying to print a religious breeze to the cities.

Key-words: Urban development; Catholic Church.

A primeira parte do título nomeado acima se deve ao folclorista Gustavo Barroso, ao ser publicado, em 1962, *À margem da história do Ceará*,³ ao restante assumo o desafio.

Em coletânea de textos o famoso folclorista apresentou uma série de temas sobre sua terra natal, evidenciando as agruras e dificuldades de seu povoamento e da própria convivência do homem do sertão com o meio, estabelecendo esta como a característica de sua identidade; assim, descreveu o processo de povoamento cearense como uma epopéia que no combate aos nativos ou farejando o ouro que pouco encontrou, fundou aqui e ali um arraial, “semeando as cidades do futuro”. Segundo o estudioso, com a falta desse metal precioso, estabeleceu-se nessa região uma relação com o chamado *ciclo do gado*, repercutindo na produção de hierarquias social e religiosa, como também numa arquitetura particular dos sertões.⁴

¹ Esse artigo faz parte da tese de doutorado: *Cidades sagradas: a Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920)*, desenvolvida na Universidade Federal Fluminense – UFF, sob a orientação do professor Dr. Paulo Knauss de Mendonça.

² Professor do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

³ BARROSO, Gustavo. *A margem da história do Ceará*. Vol. 1. 3ª ed. Rio-São Paulo-Fortaleza: ABC Editora, 2004. p. 14.

⁴ Idem, p. 15.

A partir dessas e outras questões alertou para pensarmos sobre a influência da Igreja no lento processo de formação de algumas cidades cearenses, entendendo que em todos os “ciclos” da história brasileira, a religião foi o mecanismo que primeiramente inspirou e norteou a chamada “arte dos sertões”, se sublimando nas igrejas, capelas e conventos, ficando os solares e edifícios civis ou militares sempre em segundo plano, consistindo a arte do *ciclo do gado* na mais humilde, mas não menos importante. Com efeito, apresentou a fundação das cidades do interior do Nordeste dentro dessa singularidade. Nesse processo de respostas aos elementos fundadores dos espaços urbanos sertanejos, evidenciou a Igreja como instituição relevante.

Na tentativa de especificar uma cidade oitocentista cearense, destacou a de Quixeramobim como exemplo desse movimento, assim descrevendo seu nascimento:

A fazenda que se situa, os vizinhos que se reúnem, a riqueza que aumenta, a capela que surge, a igreja que a substitui e, enfim, a matriz em torno da qual a vila formada ali se transforma em cidade. Eis tôdas as fases do nascimento, crescimento e formação da nova urbe nos vastos sertões. Preside a tôdas o espírito cristão. É a sombra da cruz que, assim, povoa e civiliza o deserto.⁵

Nas descrições do folclorista um ritual se seguia a essa origem, estabelecendo as representações religiosas nos passos de fundação do povoado, vila e futura cidade: primeiramente a escolha do orago protetor, a aquisição de alfaias e imagens de santos, a fundição do sino, marcador do tempo e anunciador das horas divinas, que quando prontos eram conduzidos em procissão que “riscava” as futuras ruas do povoado, dominada pelo vulto de Santo Antônio:

Depois de fundidos sob a direção dum técnico vindo de Portugal, os sinos foram conduzidos em procissão pelas antigas ruas das Formigas, da Bem-aventurança, do Juazeiro e da Viração, carregados em andor pelo povo, sendo bentos e batizados com os nomes de Antônio, o maior deles, o sino grande, Francisco e Manuel, em honra dos santos respectivos.⁶

Somente três décadas mais tarde, 1789, é que se levantou o pelourinho, símbolo das franquias municipais da vila, demonstrando uma antecipação da Igreja aos protocolos legais da política colonizadora. E assim finaliza:

No decurso do tempo, com o crescimento da povoação a que dera origem, outras igrejas foram se erguendo naqueles sertões, como filiais da velha matriz: a do Rosário, a cargo da gente de cor, dentro

⁵ Ibidem, p. 131.

⁶ Ibidem, p. 125.

da vila; a da Conceição do Sitiá; a de Jesus, Maria, José, de Quixadá; a de Boa Viagem; a da Glória, em Maria Pereira. A sombra da Cruz – *ave, spes unica* – ia, assim, civilizando aquele locus mediterraneus nordestino.⁷

Gustavo Barroso ao analisar as fases do nascimento, crescimento e formação das cidades nos vastos sertões cearenses como tributárias da *sombra da cruz*, estabeleceu a Igreja como elemento antecipador das políticas metropolitanas à colônia, fundando os primeiros espaços de sociabilidade no interior da província.

As ermidas que aos poucos foram sendo erguidas tiveram origem leiga, primeiramente construídas por iniciativa dos fazendeiros da região, que pela pouca presença de religiosos, tomavam a iniciativa de erguer nichos de orações em suas propriedades, na maioria delas, espaços de adoração aos santos de devoção, muitas vezes sem a devida licença das autoridades eclesiásticas. Com frequência, tais construções eram resultados de promessas feitas visando obter algum favor particular do santo. Essas construções religiosas – consideradas o centro dos arraiais – passaram, lentamente, a produzir uma incipiente forma a alguns povoados, tornando-se marcas relevantes no processo do desenvolvimento e povoamento nas ribeiras.

Ao escrever *Notas para a historia de Sobral*, em 1922, o religioso Fortunado Alves Linhares afirmou que muitas das cidades modernas tiveram origem humilde na existência de uma capela em fazendas de criar gados de ricos proprietários, onde em determinados dias do ano se reuniam em grandes massas, famílias das serras ou dos sertões, para assistirem as festividades religiosas e receberem os sacramentos da Igreja.⁸ A capela construída por sesmeiros ou religiosos que pregavam pela região seria o elemento central dos primeiros povoados, o edifício mais importante e imponente do lugarejo, o espaço referencial que, com os casebres ao seu redor, se estabeleciam como a principal característica na formação dos primeiros povoados, vilas e cidades cearenses. Foi a partir do terreno doado como patrimônio que se ergueram às primeiras casas, fazendo surgir posteriormente à praça, que aos poucos, foi delineando o traçado das primeiras ruas, constituindo-se o templo como o eixo simbólico da povoação.

Percebe-se que esse movimento se efetivou como marco dinamizador dos primeiros aglomerados humanos nos sertões cearenses, onde a quantidade e qualidade desses templos estavam intimamente ligadas ao número populacional desses povoados, por conseguinte, a

⁷ Ibidem, p. 133.

⁸ Sobre isso ver: LINHARES, Fortunado Alves (Pe.). *Notas históricas da cidade de Sobral*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo XXXVI, 1922. p. 256-7.

importância destes, repercutindo ao seu incremento, sendo importantes fatores de aspiração à condição de vila.

Ainda sobre a vila de Quixeramobim, André Furtado, ao aludir sobre a vida religiosa do povoado, descreve que o florescimento de paróquias foi acompanhando o processo de desenvolvimento do extenso território cearense. Segundo ele, em torno das “plácidas ermidas”, transformadas em majestosos templos, surgiram sob as bênçãos da igreja-matriz, os pontos de partida da prosperidade de tão vasta região, como as cidades de: Quixadá, Senador Pompeu, Mombaça, Boa Viagem, Pedra Branca, Solonópole, Piquet Carneiro, Madalena, Choró, Socorro, “desprendendo-se do núcleo geratriz da possante aglomeração de comunas que hoje constelam o mapa dessa fértil e operosa latitude nordestina”.⁹

Confirmando essa relação íntima entre Estado e Igreja, ou no forte sentimento religioso que regia a sociedade sertaneja, os núcleos urbanos eram normalmente definidos e classificados conforme sua importância eclesiástica, critérios adotados no Brasil desde o século XVI, valendo lembrar que no período colonial as vilas para obterem o estatuto de cidade necessitavam do crivo papal ou real à sua fundação. A condição básica para o estabelecimento de um grupo eficiente na colônia era a necessidade de um local para a instalação dos aristocráticos dignatários da Igreja, sendo o mesmo critério religioso aplicado na classificação de aldeamentos, arraiais ou vilas.

Uma ermida, edifício religioso de pequeno porte, erigida em local de peregrinação ou em uma estrada, tornava-se, com relativa frequência, marco inicial do surgimento de arraiais e vilas. Este pequeno templo era ampliado, adquirindo status de capela, e podia ser elevado à condição de igreja, dependendo do número de habitantes do local e de sua área de abrangência.¹⁰ Dessa forma, os espaços religiosos passavam a ser os centros sociais e políticos da região sendo, na maioria das vezes, identificados como os locais mais públicos e com as construções mais “imponentes” dos povoados. Os interiores das igrejas atendiam como espaços onde se desenvolviam serviços de utilidade pública, tais como: casa de oração, cemitérios, fixação de avisos e editais, postos de convocação e de alistamento, local das

⁹ FURTADO, André. *Quixeramobim e sua vida religiosa*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXIX, 1955. p. 89.

¹⁰ Um dos mais importantes requisitos para que uma povoação passasse a ostentar o título de vila era ter uma igreja sagrada pelas autoridades eclesiásticas e seu território em volta ser denominado de freguesia ou paróquia. Com sua consagração, o edifício passava a sediar uma paróquia, habilitando o povoado a elevar-se à categoria de vila, determinando a criação de leis e regulamentos civis para o cotidiano. Para zelar pelo cumprimento da ordem, com funções administrativas, judiciárias e penitenciárias, edificava-se a Casa da Câmara e Cadeia, espaço de justiça dos homens e do rei. Sobre isso ver: VERISSIMO, Francisco Salvador, BITTAR, William S. Mallmann, ALVAREZ, José Mauricio (orgs.). *Vida urbana: a evolução do cotidiano da cidade brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 171-2.

eleições provinciais, órgão recenseador; exercendo, muitas vezes, a função de verdadeiros cartórios, lembrando que os padres nesse tempo, além de suas atribuições espirituais, tinham a função de funcionários públicos eclesiásticos.¹¹

O sentido de “desenvolvimento” da capitania cearense, nas primeiras décadas do Império, ainda estava estreitamente ligado aos serviços recebidos por religiosos e ao erguimento de templos em suas terras, percebidos nos documentos da época. Na povoação portuária da Barra do Acaracú, distante 18 a 20 léguas de Sobral, nas atas do Conselho Geral da Província, em 1832, encontra-se nas propostas ao desenvolvimento da localidade a necessidade de se estabelecer ali serviços religiosos. Segundo sugestão do documento:

...o seu augmento seria progressivo se ali houvesse Missa efectivamente que a trahisse a reunião do povo circunvezinho, o que com dificuldade se consegue pela dependencia de Capelães, que para os ter he preciso subscripção do povo, alem dos direitos parochiaes, que paga ao seu parocho, de quem com grave encommodo, principalmente d inverno por cauza dos rios cheios, vai de mandar os auxílios espirituais.¹²

O texto remete a uma condicionante sobre o desenvolvimento da região aos trabalhos religiosos. Com isso, duas resoluções foram deliberadas: a primeira, que a freguesia de Almofala, por estar mais próxima que Sobral, deveria atender àquela povoação, e segundo, que um pároco ficaria responsável pelos trabalhos espirituais da localidade.

Como afirma Nelson Omegna, algumas cartas-régias deixavam explícita a religião enquanto motivação à criação de vilas no Brasil colonial. Segundo ele, são muito freqüentes as que ordenando instalar no sertão os núcleos urbanos, se referiam a um motivo principal e grave o de poderem as populações espalhadas em largas áreas fazer a sua *desobriga*.¹³

Se a aglomeração surgia espontaneamente e, ao longo do tempo, ia galgando diferentes estágios hierárquicos, esse processo ocorria norteado pela Igreja até o momento decisivo da criação do município. Uma concentração de moradas e uma capela, depois capela-curada ou visitada por um padre, quem sabe uma paróquia mais tarde, era movimento quase que obrigatório no fazer-se de uma cidade brasileira. Um povoado de determinado porte aspiraria

¹¹ Para Eduardo Hoonart, o primeiro aspecto que caracterizava o clérigo no período provincial era seu caráter de funcionário eclesiástico [...] recebendo a cônica do governo, o padre passava a ser considerado como um funcionário público incumbido de exercer as funções litúrgicas próprias do catolicismo, que era a religião oficial da sociedade colonial. Ver: HOONART, Eduardo. *História da Igreja no Brasil: Primeira Época*. Tomo II/1. 4°. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1992. p. 181.

¹² *Atas do Conselho Geral da Província do Ceará: 1829-1835*. Assembléia Legislativa do Estado do Ceará (Transcrição paleográfica de Walda Mota Weyne, Liduina Queiroz de Vasconcelos). Fortaleza: INESP, 1997. p. 182.

¹³ OMEGNA, Nelson. *A cidade colonial*. 2ª ed. Brasília, EBRASA, 1971. p. 71.

constituir uma paróquia ou freguesia. Segundo Murillo Marx, depois a freguesia almejaria a autonomia municipal, que se alcançada, estabeleceria o seu símbolo, o pelourinho, e a sua casa de câmara e cadeia; símbolos e sede do município que deveriam compor o espaço urbano com o templo preexistente. O ponto topográfico privilegiado já deveria estar ocupado, a área mais prestigiada do lugar definida, o largo principal constituído.¹⁴

Provavelmente por ser considerada *terra de missões* por excelência, todas essas questões são percebidas com significativa atenção na historiografia cearense, evidenciando uma articulação da Igreja católica com a formação das cidades cearenses. Dos primeiros religiosos que aqui aportaram em tempos coloniais à formação do primeiro bispado na segunda metade do século XIX, a Igreja é apresentada como elemento importante na formação social e mesmo espacial da região.

Luitgarde Oliveira Cavalcanti afirma que a história do povoamento do Ceará se constituiu, em grande parte, do relato de pacificação dos índios pelos missionários e das lutas destes com os proprietários locais. Segundo ela, foi a partir do século XVIII, quando o Estado português se fez mais presente através de uma sociedade cujo povoamento se fizera, sobretudo, sob o impulso, a égide e a regulamentação dos religiosos.¹⁵

Nessa perspectiva o historiador Raimundo Girão aponta a fase religiosa dos setecentos enquanto processo relativo ao que ele chamou de “movimentos civilizadores” no interior do Ceará, destacando esta fase como a que estabeleceu as populações à cristandade, sejam as nativas ou por parte dos colonizadores espalhados pelos sertões.¹⁶ Assim como as diversas

¹⁴ MARX, Murillo. *Cidade no Brasil terra de quem?* São Paulo: Nobel: Edusp, 1991. p.12. Segundo o autor, “a institucionalização da vida dessas tantas e tão dispersas comunidades se dava pela oficialização de sua ermida, de sua capelinha visitada por um cura, pela sua elevação um dia a matriz, elevação que significava a ascensão de toda uma região inóspita, ou de ocupação mais antiga e em expansão, ao novo *estatus* de paróquia ou freguesia”. p. 18.

¹⁵ BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A terra da mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 50.

¹⁶ GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. 4ª. ed. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984. (Coleção Estudos Cearenses, 1). No que concerne à evangelização e a formação religiosa da região, podemos mencionar uma cadeia de missões populares pelo Nordeste, algumas passando pelo Ceará desde o século XVI até o início do XX. Na segunda metade do século XVI, os missionários jesuítas Francisco Pinto e Luis Figueira penetraram na região, constituindo-se na primeira tentativa religiosa de fixação em terras cearenses. O padre jesuíta Antônio Vieira S. J. (1608-1697) pregou nos estados da Bahia, Ceará e Maranhão; frei Calos José de Spezia (1683-1752) pregou durante quarenta anos no Nordeste, sobretudo em Pernambuco; o padre Gabriel Mesquita S.J. (1689-1791) também foi pregador na região. Frei Martinho de Nantes e frei Bernardo de Nantes (1672-1702) organizaram cidades para os índios a beira do rio São Francisco. Frei Carlos S.M. Olearo pregou no Cariri (1729-1730); frei Antônio de Todi (1748-1820) desenvolveu durante dezenas de anos trabalhos evangelizadores no sertão da Bahia; Frei Vidal da Penha (1780-1820) pregou em todo o Nordeste, tendo importante passagem pelo Ceará acompanhado de Frei Serafim de Catania (1841-1886) que deu continuidade a seu trabalho. Padre José Maria Ibiapina (1860-1869) trabalhou na região do Cariri, ficando conhecido como o *Apostolo do Nordeste*. Após 1872, a região conheceu os trabalhos de Padre Cícero. No início do século XX, chegaram às missões dos capuchinhos da Lombardia (Itália), que, segundo padre Marcelino de Milão, adotaram

tentativas de posse e reconhecimento da região houve por parte da Igreja um acompanhamento às tentativas de colonização e cristianização que repercutiram no desenvolvimento da capitania, estabelecendo a partir de suas políticas de catequização as primeiras aldeias de índios do Ceará; aldeias estas que a partir da segunda metade do século XVII tornaram-se vilas, resultado da política anticlerical e centralizadora do Marquês de Pombal.¹⁷

Perseguindo essas idéias, o historiador Geraldo Nobre alertou dever-se atribuir à religião no Ceará uma influência superior a de quaisquer outros valores culturais, evidenciando seu papel a todos os aspectos da evolução do sistema colonial português. A Igreja, para o historiador, concorreu para estabelecer a normalidade das relações sociais na colônia, segundo ele, “sociedade bizarra”, de fazendeiros e aventureiros atraídos para a região pela possibilidade de adquirirem *grossos cabedais*. Alerta em não haver indicação de que o projeto adotado para o Ceará em fins do século XVII visasse a uma ordem político-administrativa, até mesmo por ser anterior, de dois decênios pelo menos, à criação da primeira vila, no último ano da centúria mencionada,¹⁸ podendo-se admitir a persistência da idéia do “Estado missionário”, do tipo do Paraguai, por se encontrar o território cearense partilhado por várias tribos e com presença importante de religiosos da Companhia de Jesus. Para o historiador, no período colonial, o número de freguesias superou o de vilas e, em sua maioria, essas surgiram onde já existiam aquelas, implicando em uma precedência de organização religiosa como também político-administrativa.¹⁹

Ao discutir a influência da religião no Ceará, Aloísio Furtado apresenta uma relação de missionários que atuaram na região desde os primeiros jesuítas até a criação da Diocese no século XIX. Margeando o São Francisco, verdadeira “estrada” aos caminhos de colonização do nordeste, um número considerável de religiosos passou a acompanhar esse processo de

um sistema de missão usado no fim do século XVIII. Sobre isso ver: OLIVEIRA, Hermínio B. de. *Formação histórica: religiosidade popular no Nordeste*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

¹⁷ SILVA, Isabelle Braz Peixoto. *Vilas de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o diretório pombalino*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

¹⁸ A constituição da freguesia se antecipou à formação jurídica da capitania. Segundo J. B. Perdigão de Oliveira, o documento que evidencia a solicitação de uma freguesia que compreendia toda a extensão da capitania cearense, data de 1671, funcionando, nesse tempo, “no Forte (ou Força) de Nossa Senhora da Assumpção, isto é, na séde do presidio, actualmente cidade da Fortaleza”. Estabelecida à freguesia, deu-se notícia da primeira irmandade, a de Nossa Senhora da Assumpção, então padroeira da fortaleza da vila. Por seu tamanho, durante todo o século XIX, foi a capitania (re)configurada por novas freguesias, assim como a supressão de outras. OLIVEIRA, J. B. Perdigão de. *A primeira freguesia da província*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo II, 1888.

¹⁹ NOBRE, Geraldo. *Formação das cidades no Ceará-colônia*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo C, 1986. p. 241. O autor chama atenção para as vilas de Fortaleza e Aracati como exceções enquanto freguesias antecipadas, onde foram fundados primeiramente os símbolos políticos da vila para depois se tornarem freguesias. No entanto, a religião, como formadora das consciências e disciplinadora dos costumes, era considerada a primeira polícia, sendo os padres incumbidos de chamar à ordem mediante a promessa de absolvição dos pecados ou a ameaça da condenação eterna. p. 246.

interiorização, alguns antecedendo os caminhos do gado, “amansando os índios”, construindo capelas, levantando cruzeiros, levando a *palavra sagrada* do litoral às serras e aos sertões cearenses.²⁰

Partindo dessas questões, elaboramos como proposta de tese uma análise sobre o desenvolvimento urbano no Ceará, na transição do século XIX para o XX, a partir da influência da Igreja Católica; discutir suas interferências no âmbito público e privado que resultaram no estabelecimento de características singulares à formação e organização espacial dos principais centros urbanos do interior cearense. Visando o aprofundamento do estudo, escolhemos duas cidades, que ao nosso ver, sintetizam as interferências da Igreja e da própria religiosidade nos sertões do Ceará: Sobral e Juazeiro do Norte.

Somadas a outras 182 cidades cearenses, classificadas de *porte médio* pelos órgãos de planejamento do Estado, figuram como *cidades de primeira categoria*. Consideradas as maiores aglomerações urbanas do Ceará – fora da Região Metropolitana de Fortaleza –, Juazeiro do Norte conta, segundo dados estatísticos, com 201.010 habitantes e Sobral, segunda em tamanho populacional, com 119.433.²¹

Centros tradicionais dos séculos XVIII e XIX, localizando-se em posições geográficas extremas, uma ao norte, outra ao sul, o desenvolvimento econômico de ambas, desde períodos remotos, apresentou fases semelhantes: da pecuária à produção de gêneros agrícolas de exportação. Afora tais características, denotam a peculiaridade de sua gênese e desenvolvimento apresentarem a Igreja Católica enquanto instituição presente em todos os momentos das configurações sociais e espaciais, mostrando-se como elemento irradiador de progresso e dinamismo urbano, encontrando ecos desde tempos coloniais à época contemporânea.

Por se tratarem de cidades de menor porte, inseridas em regiões distantes dos grandes centros, ficaram à margem das análises acadêmicas que durante um bom tempo dedicou-se à realidade social metropolitana, privilegiando cidades de grandes dimensões, por se tratarem de

²⁰ FURTADO, Aloísio. *Influência da religião no Ceará*. op. cit. Ainda sobre o assunto ver: NOBRE, Geraldo S. *História eclesiástica do Ceará: primeira parte*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1980.

²¹ AMORA, Zenilde Baima; COSTA, Maria Clélia Lustosa. *Olhando o mar do sertão: a lógica das cidades médias no Ceará*. In: SPOSITO, M. da Encarnação Beltrão. *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. pp. 343-378. Nesse trabalho as cidades de Sobral e Juazeiro do Norte foram selecionadas por se sobressaírem nas classificações de hierarquia urbana, não somente pelos parâmetros demográficos, mas, sobretudo, pela força econômica, presença de serviços e comércio especializados e por polarizarem a produção regional. Nas últimas décadas, tem se destacado pelo dinamismo nos diversos setores econômicos e sociais, resultado de políticas públicas, principalmente estaduais, voltadas a melhorias de infraestrutura e serviços. Tudo isso associado ao poder das elites locais, em decorrência de alianças políticas, o que favoreceu a atração de novos investimentos econômicos. p. 345.

formas espaciais mais complexas, esquecendo as pequenas, geralmente vistas em oposição às grandes ou como meras repetições atrasadas.

Devido a tais simplificações, as análises sobre as chamadas “cidades periféricas” ficaram à “reboque” dos acontecimentos e transformações metropolitanas, produzindo ausências, durante algum tempo, de olhares mais cuidadosos a esses pequenos centros, também detentores de uma historicidade própria. Procuramos apresentar essas cidades como espaços que recebem seus significados e suas organizações específicas através da estruturação dos sentidos que a constroem²², nesse caso, na perspectiva religiosa, ou seja, entender os itinerários de sua formação ligados ao universo da cultura religiosa.

Representante do pensamento cristão, a Igreja católica como instituição, guardiã dessa memória por excelência, fundamentou na recordação de fatos históricos, que ficaram rememorados ao longo dos tempos, a própria história da cidade. Para Eduardo Hoonert, na missão de reavivar a memória junto às comunidades, a Igreja tem seu papel a cumprir, pois a memória cristã não é de modo algum uma memória puramente individual, mas também coletiva, a memória de um povo.²³ A cidade tornou-se o espaço por excelência no desenvolvimento de teses católicas, portanto sacralizada, transformando-se em lugar de criação teológica, na “eterna” busca do modelo de cidade ideal, na idéia secular da cidade cristã.

No caso das cidades aqui estudadas, percebemos nesses movimentos características que denunciam os processos de intervenções religiosas no âmbito do urbano. Procuramos entender as representações nesses espaços, compreendendo o processo de urbanização nos finais do século XIX e início do XX, assim como as mudanças e movimentos da Igreja nesse período; discutir suas propostas e estratégias de intervenção urbana é entendê-la de forma heterogênea: da submissão perante o padroado, no período colonial e imperial (decorrendo de sua quase inexistência enquanto Instituição), à sua unificação com a política de romanização na segunda metade do século XIX. Indagamos sobre as transformações a partir de um catolicismo não homogêneo, na perspectiva de uma construção cultural do nordeste brasileiro num período conturbado – entendendo aí as experiências de movimentos messiânicos ou de

²² CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: MartinsFontes, 1994.

²³ HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão: uma história da Igreja nos três primeiros séculos*. Tomo III. Série I: Experiência de Deus e Justiça. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 22-3.

“restauração” dos romanizadores –, dentro de uma (re)organização de seus quadros, de suas práticas, dos fiéis e das cidades.²⁴

Entender tais intervenções por este prisma faz necessário perceber que o catolicismo brasileiro nos séculos mencionados enfrentou disputa de poderes, de espaços e mentes, que fez das cidades os locais marcados por esses embates e conflitos, modificando muitas vezes suas configurações materiais e mentais, assim como atuando na constituição de suas espacialidades; tanto o poder sagrado quanto o temporal vislumbravam a necessidade de controlar o universo urbano.

A organização dessas cidades do interior do Estado do Ceará, a partir das diferentes correntes da Igreja Católica - ultramontana e popular²⁵ – se apresentam num processo de conflito e interseção, produzindo um discurso sobre o urbano que foi utilizado tanto por administradores quanto pela Igreja, decodificado, “filtrado” por uma parte da sociedade que os (re)elabora e deles se apropria a partir de suas vivências.²⁶

Na segunda metade do século XIX, com a criação do bispado do Ceará, definiram-se novas metas de ações nas cidades a começar por aquelas que se sobressaíam, segundo a Igreja, enquanto mais prósperas. Compunha o projeto a decisão de disseminar maior número possível de templos, investir fortemente em “amparo social”, o que significou a construção de casas de caridade, escolas, casa para orfandade, entre outras atividades filantrópicas. Esse circuito de edificações e valores sinaliza para uma prática em rede e para um processo de constituição de memória. Cidades construídas para serem cultuadas serviriam, portanto, para reforçar uma

²⁴ Nesse sentido, chamamos atenção para a reflexão de Marilena Chauí ao afirmar que: “...a religião aparece como uma atitude genérica perante o real, tornando-se impossível estabelecer uma diferença qualitativa entre religião dos dominantes e religião popular: ambas parecem ser, apenas, variantes do mesmo, distinguindo-se em grau e não em natureza.” Para a autora, a distinção deve ser entendida muito mais a partir de questões metodológicas das ciências sociais, com o propósito de distinguir as duas modalidades de religião, e não comparar. Dessa forma, deixamos claro que não procuramos fazer uma análise comparativa entre as cidades ou suas formas de religiosidade, mas sim, compreender propostas de (re)modelamentos, intervenções espaciais e disciplinamento dos espaços e de seus habitantes. Ver: CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

²⁵ Aqui chamamos atenção às análises da professora Martha Abreu, quando alerta sobre a inexistência de uma forma popular de vivência da religião, não podendo ser usada sem um profundo diálogo com o contexto temporal e social mais amplo. Segundo a historiadora: “As expressões/conceitos *cultura popular* e *religiosidade popular* devem ser propostas em função de um reconhecimento evidente de que, no passado, as pessoas pobres, simples, comuns, escravos, negros e imigrantes pobres pensavam, agiam, criavam e transformavam o seu próprio mundo (valores, gostos, crenças) e tudo o que lhes era imposto, em função da herança cultural que receberam e de sua experiência. Como agentes de sua própria história (cultura e religião), homens e mulheres das camadas pobres criam, partilham e se apropriam de valores, hábitos, atitudes, crenças, músicas e festas religiosas (neste sentido, *cultura popular* e *religiosidade popular* não são entendidos simplesmente como um conjunto de objetos ou práticas originário dos setores populares)”. Ver: ABREU, Martha. *Religiosidade Popular, Problemas e História*. In: LIMA, Lana Lage da Gama, CIRIBELLI, Marilda, HONORATO, Cezar Teixeira, SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. (orgs.). *História & Religião*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002. p. 85.

²⁶ PITAUDI, Silvana Maria. *Cidade, cotidiano e imaginário*. In: SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa; DANTAS, Eustógio Wanderley C. (Orgs.). *A cidade e o urbano*. Fortaleza: EUFC, 1997.

concepção de patrimônio que estabeleceu a história da Igreja na cidade como se fosse a história de todos os homens, e instituiu um conjunto de valores e uma fisionomia urbana capazes de ocultar diferenças e conflitos.

Nesse período, a Igreja Católica apresentou suas propostas para as sociedades urbanas do sertão, sociedades ameaçadas pelo “diabo” expresso nas práticas populares. Estas deveriam ser renunciadas em nome de uma sociedade temente aos ditames de Roma, na construção de condutas produzidas pelos cânones tradicionais, em direção a uma “civilidade cristã”. Entretanto é necessário entender a religiosidade enquanto dimensão da cultura, dos modos de viver e de se organizar; de sujeitos históricos relacionarem-se entre si e com a cultura, e isso nos leva à tentativa de contribuir com os estudos urbanos, problematizando a cidade enquanto um espaço disputado também sob a perspectiva religiosa.

O tema que apresentamos: “Cidades sagradas: a Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará”, remete a idéia de sacralização dos centros urbanos cearenses presente desde o período colonial com missões de catequese, religiosos seculares e regulares que aqui desenvolveram os trabalhos espirituais, entre serras e sertões, no agreste dos tabuleiros, assim como no litoral; de uma instituição que participe desde o povoamento, reproduzindo nos “vazios” do semi-árido os primeiros marcos simbólicos norteadores dos espaços, levantando cruzeiros, construindo ermidas, carregando imagens de santos, elementos fundantes dos primeiros povoados; assim como o sentido de civilidade, introduzidas pelas festas aos santos padroeiros, pelo calendário litúrgico e serviços eclesiais: casamentos, batismos e extrema-unções. Tais eventos proporcionavam ocasiões regulares de convívio entre as famílias de vaqueiros de que resultavam festas, bailes e casamentos, dotando de uma convivência vicinal dos campos isolados do agreste.²⁷

A Igreja parecia (ou deveria) estar em todos os momentos da vida do homem sertanejo, que pela extensão do território e escassez dos funcionários religiosos, passaram “solitariamente” a manifestar sentidos peculiares ao universo das caatingas. Dessa forma, Igreja católica e práticas, ou manifestações religiosas, apresentavam outra dimensão, numa secular tentativa de adaptação ao meio, assim como no difícil trabalho de unidade sobre os sentidos do sagrado.

Tido por alguns historiadores como um centro romanizado por excelência, as políticas desenvolvidas pela Igreja católica em terras cearenses apresentaram-se ostensivas, num trabalho de moralização de seus quadros, assim como o disciplinamento das práticas

²⁷ Sobre isso ver: RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 311.

populares. Na passagem entre os séculos XIX e XX, a Igreja procurou se adequar as “novas” relações, preocupada em preencher os espaços perdidos com a República. Sobral e Juazeiro do Norte expressam de forma nítida tais mudanças.

Sobral, no início do século XX, teve no bispo Dom José Tupinambá da Frota, seu principal gestor, com a construção de escolas, asilos, seminários, orfanatos, hospitais, edifícios, banco popular e monumentos, imprimindo uma aura cristã nos comportamentos de homens e mulheres e nos espaços da cidade. Juazeiro do Norte, em sua gênese e desenvolvimento, é ligado à figura de Padre Cícero, personagem central do processo de emancipação e elevação do povoado à cidade. Como seu primeiro prefeito, moldou a cidade de acordo com as políticas urbanísticas da época, assim como pelas próprias práticas romeiras, resultando num desenho que em alguns momentos destoou dos modelos urbanísticos em voga.

As duas cidades escolhidas para o aprofundamento desse estudo, Sobral e Juazeiro do Norte, permitem transitar nesse universo. Apresentar sua gênese e desenvolvimento ajuda a desvendar um itinerário que torna visível o papel da Igreja em suas tantas (trans)formações. Do século XVIII ao XX, do arraial à cidade, nas fases de consolidação de uma “rede urbana”, as regiões interioranas do Ceará “sofreram” modelos religiosos de cidades, no contexto de uma instituição secular, a Igreja católica, que longe de ser uniforme, se (re)organizava em detrimento dos movimentos políticos e sociais ocorridos no outro lado do atlântico.

Líderes religiosos: de beatos que “rasgavam” as caatingas em pregações apocalípticas, a bispos em seus palácios episcopais, procuraram preencher as vacuidades de um mundo em transição, não mais totalmente dominado pelos sentimentos divinais, onde viam, nos tímidos aglomerados urbanos, o espaço definidor de uma luta entre as “cidades sagradas” e as “malditas”.

Dom José Tupinambá da Frota, bispo romanizado, e Padre Cícero, religioso que também recebera educação ultramontana, ambos nascidos no século XIX, estiveram à frente do gerenciamento urbano das duas principais cidades do interior do Estado por boa parte do século XX. Homens de transição entre séculos, trinta e oito anos davam a distância entre os seus nascimentos: Padre Cícero, em 1844, e Dom José, em 1882; unidos na procura em estabelecer nos espaços citadinos o *manto do sagrado*, imprimindo a partir de suas formações eclesiais, um sentido etéreo às duas cidades cearenses.

A pesquisa, que não pretendeu traçar um modelo de interpretação comparativa entre ambos, apresenta as similitudes e divergências sobre os dois personagens, conseqüentemente as duas cidades, que embora apresentassem formação teológica próximas, apontam para diferenças nas formas de pensar e concretizar os espaços urbanos, principalmente quanto ao

pensamento sobre a cidade que se idealizava e a vivida. Para o bispo, de educação européia, Sobral deveria refletir a Roma principesca, onde a doutrina da infalibilidade papal representasse o respeito à hierarquia enquanto proposta de uma “nova face” do catolicismo brasileiro. Já para o “padre sertanejo”, Cícero Romão Batista, formado no Seminário de Fortaleza, Juazeiro do Norte, que produzia um sentimento filial ao religioso, estava mais para a representação da Jerusalém celestial, a “terra santa” das peregrinações, reprodução da cidade dos desvalidos, dos pecadores que ali receberiam a “purificação”.

Os dois religiosos, saídos do interior cearense, imprimiram a partir de suas obras, marcas indelévels aos espaços das duas cidades, personificadores da própria crise que a Igreja sofria na época. Um representava o pensamento ultramontano, o outro, “eversivo”, representava a chamada religiosidade popular; enquanto Sobral foi considerada a “metrópole do sertão”, Juazeiro recebia o cognome de “Meca de fanáticos”.

Imagens urbanas à imagem dos religiosos. O bispo Dom José, personificação de Sobral, trouxe uma preocupação com a estética urbana, “construindo” uma arquitetura que a aproximasse dos modelos encontrados em Roma, reorganizando espaços, disciplinando moradores, buscando o sentido de civilidade nas formas e vidas urbanas; já Padre Cícero, encarnando a figura do “padre romeiro”, instituiu em Juazeiro uma morfologia em detrimento dos adventícios, sem uma preocupação estética a princípio, dando formas à cidade de acordo com o movimento dos romeiros, tornando Juazeiro, aparentemente, desordenada, sem um planejamento ao seu desenvolvimento.

Seguidores da Igreja romana, os dois religiosos responderam de formas distintas aos preceitos católicos. Envolvidos em movimentos políticos, em disputas que tinham como cenário cidades localizadas nos extremos do território cearense. O bispo, também conhecido como o “Governador de Sobral”, viveu mais de meio século à frente da diocese que funcionava como uma “prefeitura paralela”, imprimindo uma dinâmica urbana considerada avançada; Padre Cícero, político partidário, das fileiras do Partido Conservador, foi o primeiro prefeito de fato e de direito de Juazeiro, Deputado Federal e Vice-governador do Estado, sem nunca ter deixado “sua” cidade; gestor público que ficou a frente da administração da cidade até seu falecimento, em 1934. Ambos perseguidores de valores civilizados, a partir de suas ações políticas e religiosas fomentaram a institucionalização da Igreja frente a um Estado laico, estabelecendo um retorno da Igreja ao cenário político, que com experiência secular, revigorou teses sociais ao mundo urbano.

Sobral e Juazeiro do Norte representam cidades tipicamente cristãs de um Estado que já foi considerado um dos mais religiosos do Brasil. Espaços marcados por uma gama de

símbolos sagrados, em sua maioria de santos e imagens gigantescas de padroeiros trazidos desde os tempos coloniais, que pontuam as entradas, praças e saídas das cidades do sertão cearense, anunciando a força católica em seus espaços, fazendo parte do cotidiano de quem passa ou mora, produzindo uma trajetória, um sentido e um “ar sagrado”, dotando de uma aparente organicidade o ambiente.

Juazeiro, com a imponente estátua de Padre Cícero, localizada no espaço mais elevado da cidade, evidencia o poder da imagem sobre os moradores; Sobral, que embora não tenha homenageado o “ilustre bispo” com uma imagem tão gigantesca quanto – embora tenha tramitado na Câmara de Vereadores tal proposta –, apresenta-se como um “museu a céu aberto”, que congrega um conjunto de elementos religiosos na estrutura urbana: o Arco de Nossa Senhora de Fátima, o Cristo Redentor, o Museu sacro (onde muitas pessoas se benzem quando passam em frente), assim como as várias igrejas espalhadas em sua malha viária, deixando claro o forte sentimento religioso que impera na cidade.

Desenvolvimento urbano e Igreja, cidade e religião, elementos que expressam os sentidos das cidades aqui estudadas, consagram a incessante busca de se entender seus significados, contribuindo no contínuo somatório de idéias e interpretações sobre esse espaço coletivo, fazendo pensar essas cidades como obra do catolicismo, embora represente a capacidade da Igreja em se imiscuir na sociedade do Ceará, na participação da política e na influência da vida cotidiana, processo nada linear nem unívoco. As duas cidades estudadas exemplificam isso.

Cortar as estradas cearenses, tanto federais quanto estaduais é “passear” entre cidades que anunciam a forte presença religiosa em seus espaços, anunciadas por imagens celestiais que remetem a um “catolicismo triunfante”, na tentativa de homogeneizar o pensamento sobre essas cidades, fazendo vasculhar na memória sobre esses espaços, desde sua gênese, a forte presença da Igreja em sua historicidade, dotando-a de uma inteligibilidade própria, de capacidade didática, atribuindo à religião o princípio norteador de uma lógica que se estruturou a partir da experiência com o sagrado, num sistema de práticas que sugerem uma identidade urbana ligada a uma identidade religiosa.

Teóricos das mais diversas áreas do conhecimento buscam entender a cidade como fonte das aspirações humanas, implícitas na racionalidade consistente do *tempo das luzes* que emergem nos trabalhos acadêmicos, com problematizações concernentes a cada saber científico; todos procurando entender à polifonia do mundo urbano.

Essa tese não foge dessas questões, mas apresenta um outro percurso, “um retorno às origens”, diriam alguns; mas um “retorno” que implica, necessariamente, numa outra reflexão,

revelando um outro paradigma (não tão novo) a ser posto em cena. Como historiador procurei estabelecer os passos da formação das cidades cearenses, evidenciando a Igreja como elemento referencial de sua gênese e desenvolvimento, reguladora de vidas e disciplinadora de espaços, num exercício de afirmação na sociedade que na longa duração, olhando para o passado, parece se confirmar também no presente, instituindo fortes características religiosas as principais cidades do Ceará.

A natureza do tema, portanto, nos induziu percorrer “novos” caminhos na historiografia cearense, forçando o benéfico contato com estudiosos do início do século passado que primeiramente, embora que de forma tímida, anunciaram a importância no aprofundamento das idéias entre cidade e Igreja na história urbana.

As chamadas cidades sertanejas, localizadas no semi-árido cearense, apontam para uma outra dimensão. Partindo da premissa que o “religioso” e a “sociedade” se constroem mutuamente, e que o espaço público constitui um campo privilegiado para observar interpretações, optamos em discutir sua constituição em relação ao forte sentimento místico que fez parte da própria formação de um ideal de homem sertanejo, que amplificava a “visibilidade” do sagrado em suas experiências cotidianas, acompanhados de uma “hierarquia” eclesiástica que apresentou diversas “fases” e “faces” no desenvolvimento sócio-político na história do Brasil, por conseguinte, do Ceará.

Bibliografia:

ABREU, Martha. *Religiosidade Popular, Problemas e História*. In: LIMA, Lana Lage da Gama, CIRIBELLI, Marilda, HONORATO, Cezar Teixeira, SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. (orgs.). *História & Religião*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

AMORA, Zenilde Baima; COSTA, Maria Clélia Lustosa. *Olhando o mar do sertão: a lógica das cidades médias no Ceará*. In: SPOSITO, M. da Encarnação Beltrão. *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A terra da mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BARROSO, Gustavo. *A margem da história do Ceará*. Vol. 1. 3ª ed. Rio-São Paulo-Fortaleza: ABC Editora, 2004.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: MartinsFontes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FURTADO, André. *Quixeramobim e sua vida religiosa*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo LXIX, 1955.

GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. 4ª. ed. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984. (Coleção Estudos Cearenses, 1).

HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão: uma história da Igreja nos três primeiros séculos*. Tomo III. Série I: Experiência de Deus e Justiça. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *História da Igreja no Brasil: Primeira Época*. Tomo II/1. 4º. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1992.

LINHARES, Fortunado Alves (Pe.). *Notas históricas da cidade de Sobral*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXVI, 1922.

MARX, Murillo. *Cidade no Brasil terra de quem?* São Paulo: Nobel: Edusp, 1991.

NOBRE, Geraldo S. *História eclesiástica do Ceará: primeira parte*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1980.

_____. *Formação das cidades no Ceará-colônia*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo C, 1986.

OLIVEIRA, Hermínio B. de. *Formação histórica: religiosidade popular no Nordeste*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

OLIVEIRA, J. B. Perdigão de. *A primeira freguesia da província*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo II, 1888.

OMEGNA, Nelson. *A cidade colonial*. 2ª ed. Brasília, EBRASA, 1971.

PITAUDI, Silvana Maria. *Cidade, cotidiano e imaginário*. In: SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa; DANTAS, Eustógio Wanderley C. (Orgs.). *A cidade e o urbano*. Fortaleza: EUFC, 1997.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto. *Vilas de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o diretório pombalino*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

VERISSIMO, Francisco Salvador, BITTAR, William S. Mallmann, ALVAREZ, José Mauricio (orgs.). *Vida urbana: a evolução do cotidiano da cidade brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.